



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**RESSURREIÇÃO E FÉ CRISTÃ:
UMA LEITURA A PARTIR DA COMPREENSÃO DE
ANDRÉS TORRES QUEIRUGA¹**

*Resurrection and Christian Faith:
A reading from the understanding of Andrés Torres Queiruga*

**Roberlei Panasiewicz²
Miracy Monteiro Melo Reis³**

Resumo: A compreensão da ressurreição é central para a fé cristã. Tornar os princípios da fé atuais e significativos é missão do teólogo. Andrés Torres Queiruga, como teólogo cristão, repensa o tema da ressurreição de Jesus Cristo, demarcando seu dinamismo e sua esperança. Seus matizes seguem uma orientação, cujo caráter esclarecedor proporciona maior conhecimento e compreensão do tema. Repensar a ressurreição de Jesus Cristo significa interagir com a primeira comunidade cristã e buscar *dar à luz* a presença reveladora e salvífica de Deus na história humana. Essa reflexão tem por objetivo apresentar a compreensão do conceito de ressurreição de Jesus Cristo construído teologicamente por Andrés Torres Queiruga com o intuito de demarcar a identidade cristã, estabelecer diálogo com os cristãos, com a cultura contemporânea e com as religiões não cristãs.

Palavras-chave: Ressurreição. Fé cristã. Andrés Torres Queiruga.

Abstract: The understanding of resurrection is central to the Christian faith. Making such faith relevant today is an attribute and primary mission of any theologian. Andrés Torres Queiruga as a Christian theologian has reconsidered the issue of the resurrection of Jesus Christ, marking its dynamism and hope. Rethinking the resurrection of Jesus Christ means interact with the first Christian community and to bring forth a revelatory and salvific presence of God in human history. Understanding the resurrection of Jesus Christ means to know that what happened to him in a full, happened to all mankind and continues to happen with all dead. This reflection aims to present the understanding of

¹ O artigo foi recebido em 26 de março de 2012 e aprovado em 04 de março de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2005), Juiz de Fora/MG, Brasil, professor e membro do Colegiado de Coordenação Didática do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, em Belo Horizonte/MG, Brasil. Contato: roberlei@pucminas.br

³ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Minas Gerais (2011), Belo Horizonte/MG, Brasil. Contato: meloreismiracy@yahoo.com.br

the concept of resurrection of Jesus Christ conceived by Andrés Queiruga theologically in order to reconstruct the concept and establish dialogue with Christians, with contemporary culture and with non-Christian religions.

Keywords: Resurrection. Christian faith. Andrés Torres Queiruga.

Introdução

Andrés Torres Queiruga é teólogo cristão e se destaca no horizonte teológico por apresentar uma teologia significativa e em diálogo com a cultura atual. Propõe uma reflexão clara, objetiva e original. Isso é percebido em suas variadas obras, traduzidas para vários idiomas, e nas pesquisas em torno de suas proposições teológicas, de maneira especial nos programas de pós-graduação no Brasil.

A presente reflexão visa expor seu pensamento sobre um tema instigante para as pessoas em geral e, de maneira particular, querido pelos cristãos, pois se trata de um marco fundante do cristianismo. É o tema da ressurreição de Jesus Cristo e suas implicações para a fé cristã. A reflexão está dividida em quatro momentos. Primeiramente, será exposta a concepção da ressurreição anterior ao nascimento da fé cristã. Depois, será feito um recorte sobre como essa temática foi absorvida pela primeira comunidade cristã e, nesse horizonte, como compreender os relatos de aparições e do sepulcro vazio. O terceiro momento repensará a ressurreição a partir da compreensão da revelação de Deus como maiêutica histórica. Por fim, o quarto momento tratará das ressonâncias dessas concepções para a comunidade cristã atual.

A concepção da ressurreição no horizonte do nascimento da fé cristã

O destino da vida após a morte sempre foi tema de difícil compreensão e lenta evolução na tradição do judaísmo. Próximo ao tempo de Jesus Cristo há uma narrativa que demarca a sorte dos que morrem. Diz o texto de Daniel (12.20) que “a multidão dos que dormem no pó da terra acordará, uns para a vida, outros para a eterna rejeição”. Entretanto, nem todos partilhavam dessa concepção. Parecia ser descartada por saduceus e judeus ligados aos helênicos. Depois da queda de Jerusalém, no ano 70 EC, a posição dos fariseus ganha força e começa a fazer parte da oração, pois “constitui justamente a segunda das Dezoito Bênçãos (*Shemoné Esré*): Bendito és, Senhor, porque fazes viver aos mortos”⁴. O que é presente em todo o Primeiro Testamento é a fidelidade salvadora do Deus da Aliança. Essa certeza aparece narrada, sobretudo, nos livros dos profetas e nos salmos. A intuição é que Deus fará reviver os mortos (Is 26.19; Ez 13.1-14; Os 6.1-3; Sl 16.9-11; 73.23; 117.2; 118.1-4).

⁴ QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a ressurreição*: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 58.

O simbolismo *surgir da morte*⁵ é comum a numerosas religiões. Encontram-se relatos provenientes da cultura helênica, do século V AEC, de mortos que voltam à vida e aparecem às pessoas. A mentalidade judaica tem marcas da cultura helênica que influenciam no pensamento religioso, todavia de modo menos fantasioso e mitológico, tendo em vista a força da característica histórica do povo de Israel. A primeira comunidade recebe essa tradição religiosa, e os relatos do Segundo Testamento, por sua vez, refletem a teologia judaica. Daí a importância da compreensão do sentido de ressurreição herdado pelo cristianismo do Primeiro Testamento.

Uma primeira constatação é aquela de que o Deus do Primeiro Testamento é um Deus da vida e dos vivos. Existem diferentes relatos que nos revelam essa visão de Deus. No livro do Deuteronômio, ele se apresenta como “o Senhor da vida e da morte” (Dt 32.39). Em Isaías, bem como em Oseias, *Iahweh* é capaz de “aniquilar a morte” e “libertar do *sheol*”.⁶

Para Queiruga, é importante recordar o contexto originário do Primeiro Testamento e remontar de algum modo à aprendizagem que ele supôs com seus dois caminhos principais. O primeiro remete à vivência da profunda comunhão com Deus: comunhão que, sem negar a austeridade da vida terrena e sem ter ainda a clareza acerca do além dela, permitiu intuir que o seu amor é “forte como a morte” (Ct 8.6). O segundo caminho passa pela experiência de contraste entre a experiência do justo e a injustiça do seu fracasso terreno, anunciados nos Cantos do Servo de Javé⁷, formulando-se de maneira impressionante com os mártires da luta macabeia (2 Mc 7). Somente a ideia de ressurreição podia conciliar o amor fiel do Senhor com o sofrimento incompreensível do justo.

Já no Primeiro Testamento aparecia o modo como a fê na ressurreição nascia do amor desinteressado a Deus e da fidelidade até a morte na revolta contra a injustiça. Diz o texto bíblico, nas palavras de Queiruga:

No entanto estou sempre contigo [...] (Sl 73. 23; 16,5; 9-11; 49,16; 117,2; 118,1-4) e na pregação dos profetas: Teus mortos, porém, reviverão! Seus cadáveres vão se levantar! Acordai para cantar, vós que dormis debaixo da terra! Pois teu orvalho é orvalho de luz e a terra expulsará do ventre os defuntos (Is 26, 19; Ez 13, 1-14; Os 6, 1-3). Finalmente,

⁵ No helenismo, “no século V a.C., Heródoto fala de certo Aristeia, que, depois de morrer, apareceu a um desconhecido e, quando a família foi buscá-lo, não encontrou o corpo. E de Apolônio de Tiana, no século II d.C., conta Filostrato que profetizou a seu discípulo Damis onde lhe apareceria depois de morto [...]” (QUEIRUGA, 2004, p. 64).

⁶ *Sheol*: Conceção espalhada de modo geral pelo Oriente antigo que se confundia com o túmulo – era para Israel não somente o lugar em que os mortos, sombras de vida e força, não mais se importavam com sua existência de outrora, mas significava também o distanciamento com referência a Javé. (p. ex. Sl 88.6; 115.17s; Is 38.18s). Cf. EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 783.

⁷ Cânticos do Servo de Javé, Is 42.6s: “Eu *Iahweh*, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrires os olhos dos cegos, a fim de soltares do cárcere os presos, e da prisão os que habitam nas trevas”. O Servo é o mediador da salvação que virá e isso justifica a interpretação messiânica que uma parte da tradição judaica dava dessas passagens, afora o aspecto do sofrimento.

aparecerá, com evidência irreversível, como “experiência de contraste” diante da perseguição dos justos na crise macabeia, que dá origem à impressionante confissão dos mártires macabeus (2 Mc 7).⁸

O episódio paradigmático dos irmãos Macabeus⁹ é considerado por Queiruga como ilustrador, profundamente revelador, sem se fundamentar em realidades físicas ou milagrosas e se aproxima do acontecido com Jesus Cristo. Reflete um contraste entre a fidelidade de Deus e a morte injusta do inocente por mãos humanas. Aqui se manifesta uma experiência reveladora e que leva à descoberta do novo.

O segundo livro dos Macabeus, que narra o episódio do martírio dos sete irmãos e sua mãe, expressa a esperança na ressurreição como continuidade da ação criadora de Deus: “E, por conseguinte, o Criador do mundo, que formou o homem desde o nascimento e que está na origem de todas as coisas, vos restituirá, na sua misericórdia, o espírito e a vida, porque vos sacrificais agora a vós mesmos, por amor de suas leis” (2Mac 7.23). Os sete irmãos e a mãe são assassinados por fidelidade ao seu Deus e se entregam na certeza “que um dia seriam ressuscitados por ele” (2Mc 7.14).

Queiruga compartilha a opinião de Hans Kessler em uma obra de especial relevância e forte influência, dizendo a propósito de 2Mc 7:

A certeza de que a comunhão com *Iahweh* não se rompe na morte e aparece desenvolvida e exposta em forma didática no livro de Sabedoria de Salomão, do Antigo Testamento grego (os LXX) escrito ao meio do século I a.C. É igual aos mencionados Salmos 49 e 73, em que subjaz implícita a oposição vivida, dolorosa entre pecadores e justos¹⁰.

Hans Kessler ainda se dirige em tom persuasivo em relação à atenção dos leitores helenísticos, que combinam o tema veterotestamentário de comunhão com *Iahweh* para além da morte (Sl 49 e 73), com o discurso grego sobre a alma (Sb 2.22; 3.1; 4.11,14) e sobre a imortalidade (Sb 3.4; 1.15; 2.23). O livro da Sabedoria não fala de ressurreição, ainda que fale da alma, refere-se – dentro da mentalidade veterotestamentária – ao ser humano integral. Essa concepção é totalmente de tipo sapiencial: a vida pertence a Deus e por isso a imortalidade é dom.

Repensar a ressurreição é redescobri-la no contexto da tradição veterotestamentária na figura impressionante do Servo de *Iahweh* – o justo sofredor – e no trágico destino dos mártires, revelado no contexto originário, que foram os grandes catalisadores da fé na ressurreição dos mortos. A luta destacada no segundo livro dos

⁸ QUEIRUGA, 2004, p. 59.

⁹ 2Mc 7: A fé na ressurreição dos corpos, que não se depreende ainda com segurança de Is 26.19 e Jó 19.26s é afirmada pela primeira vez aqui (v. 11, 14, 23, 29, 36) e na passagem de Dn 12.2-3, também relacionada com a perseguição de Antíoco Epifanes (Dn 11). Por efeito do poder do Criador (v. 23), os mártires ressuscitarão para a vida (v. 14; cf. Jo 5.29), para uma vida eterna (v. 9 e 36). Alcança-se assim a doutrina da imortalidade que será desenvolvida em ambiente grego, mas sem referência à ressurreição dos corpos por Sb 3.1-5,16.

¹⁰ KESSLER, Hans. *La resurrección de Jesus: aspecto bíblico, teológico y sistemático*. Salamanca: Sígueme, 1989. p. 57.

Macabeus, deuterocanônico e nas perseguições do judaísmo em Antioquia, com a ideia da ressurreição corporal, reflete a complexidade do problema que trata dos mártires sacrificados por sua fidelidade à *Torah*.

Outros textos em que a justiça de Deus se impõe expressam a concepção do antigo Israel sobre o confinamento definitivo dos mortos no *sheol* (Sb 2.1s,5), a busca do gozo da vida sem travas (Sb 2.6,10s) e como liquidar o justo que incomoda com seu estilo de vida (Sb 2.12-20). Os justos perseguidos estão depois da morte “nas mãos de Deus” (Sb 3.1); “estão em paz” (Sb 3.3; 4.7) e podem “esperar na imortalidade” (3.4), já que depois do juízo final “viverão eternamente” (5.15).

Esses textos aproximam-se de um núcleo essencial do mistério da ressurreição, a gratuidade divina, visto que a ressurreição bíblica é dom de Deus por amor incondicional às suas criaturas. Um fruto importante do discernimento de Queiruga é que não se alcança a autêntica fé na ressurreição com uma fuga rápida para o além, mas que ela se forja na fidelidade da vida real e na autenticidade da relação com Deus. A convicção de que os profetas são assassinados por mãos humanas, mas são reivindicados por Deus é constante e ajudou a compreender o caso de João Batista. É provável que Jesus Cristo encontrasse nesses textos um importante alimento para sua própria experiência, e, ali, o encontraram também os primeiros cristãos para a sua compreensão do destino do Crucificado.

Qual a contribuição do sentido herdado do Primeiro Testamento concernente à compreensão da ressurreição dos mortos para a explicitação da ressurreição de Jesus Cristo?

A concepção da ressurreição na experiência da primeira comunidade cristã

A primeira aproximação que se pode ter do mistério da ressurreição de Jesus Cristo é por meio das narrativas pascais e do testemunho do apóstolo Paulo. Daí ad vêm a importância da compreensão da mensagem que nos transmitiram as primeiras testemunhas. Elas não relatam como foi a ressurreição de Jesus Cristo, porém comunicam sua experiência de encontro com o Ressuscitado.

Aqui não aparece mais a mera confissão ou proclamação do fato e da experiência, mas de sua explanação narrativa. A variedade é, por conseguinte, grande e se apresenta em narrações diversas. Há coincidência em assinalar duas correntes principais: os relatos de aparições e os relatos do sepulcro vazio. Originariamente independentes entre si, mais tarde acabaram sendo associados como aparições junto ao sepulcro vazio.¹¹

As primeiras comunidades buscaram, então, narrar com a linguagem própria da época seu processo de descoberta que Jesus de Nazaré morreu crucificado, está vivo, ressuscitou! É importante que se tenha em conta o gênero literário utilizado para

¹¹ QUEIRUGA, 2004, p. 50.

a comunicação dessa experiência, de modo que se possa aceder ao profundo sentido que as narrativas contêm.

Queiruga especifica a compreensão da ressurreição de Jesus Cristo em uma relevante questão sobre sua historicidade remetendo à base da ressurreição como acontecimento histórico-escatológico, que ocorre na história do Crucificado de Nazaré e, na história da humanidade, a manifestação da plenitude dos tempos.

Para Queiruga,

foi, com efeito, *o modo da morte* que propiciou uma síntese inédita, somente possível a partir dela. Isso é o que justamente conseguiu expressar a ressurreição tal como foi interpretada em Jesus. A valência “escatológica” é evidente, enquanto a ressurreição é acontecimento operado por Deus, que transforma de maneira radical e definitiva, a sua vida¹².

A ressurreição de Jesus Cristo irrompe na história, afetando-a, mas não como um fato que nela fique preso, já que a ação da ressurreição vai além da história, pois é uma ação escatológica.

A leitura e a experiência herdadas do Primeiro Testamento constituem marcos de vivência e compreensão da morte, tanto para Jesus como para a primeira comunidade, sobretudo da morte do “justo inocente”. A fé na ressurreição dos mortos já estava presente na vida de Jesus Cristo, muito embora seja “surpreendente, por exemplo, observar que a ‘ressurreição’ não constituía para ele um tema central, seguramente devido à iminência da espera escatológica”¹³. É essencial a atenção renovada à vida de Jesus para compreender a gênese e o sentido da profunda reconfiguração que o Segundo Testamento realiza no conceito de ressurreição.

Dois aspectos tiveram grande força de revelação e convicção no que concerne à compreensão da ressurreição de Jesus Cristo: primeiramente, a consciência do caráter *escatológico* da missão de Jesus, que adiantava e sintetizava, em sua pessoa, a presença definitiva da salvação de Deus na história; seu destino tinha caráter de único e definitivo. Em segundo lugar, tem-se o fato da morte na cruz, que parecia anular sua presença demonstrando uma duríssima experiência de contraste entre, por um lado, a proposta de Jesus, cuja garantia se dava por sua bondade e pregação do Reino e, por outro lado, o incompreensível final de morte na cruz. A ressurreição de Jesus Cristo é confirmada na história pela experiência de fé da primeira comunidade, que encontra em seu destino trágico, sua máxima confirmação, bem como seu significado último e pleno. O querigma primitivo, pela voz de Pedro, expressou muito bem isto: Jesus não podia ser presa definitiva da morte, pois Deus não consentiria que o seu justo conhecesse a decomposição (At 2.24-27).

No contexto neotestamentário, a experiência profunda da ressurreição de Jesus Cristo, ou seja, a certeza do “ele vive”, foi expressa por meio da experiência do en-

¹² QUEIRUGA, 2004, p. 164.

¹³ QUEIRUGA, 2004, p. 61.

contro com o ressuscitado. As primeiras testemunhas narram essa experiência através dos relatos das aparições e do sepulcro vazio.

a) Os relatos das aparições

Desvelam-se, nas narrativas das aparições, unidades e contradições. Os textos evangélicos mostram que a primeira comunidade utilizou, entre outros, dois tipos de expressões para comunicar o encontro dos primeiros discípulos com o Ressuscitado. Uma delas foi: “Ressuscitou de entre os mortos” (Atos 17.31); “O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (Lc 24.34); a outra “foi exaltado aos céus, como Senhor e Cristo” (Fl 2.9); “Esta graça que nos foi concedida antes dos tempos eternos em Cristo Jesus agora foi manifestada pela aparição de nosso Salvador, Cristo Jesus” (2Tm 1.10). Essas linguagens de expressão da ressurreição de Jesus Cristo coincidem na afirmação de que Jesus ressuscitado se deu a conhecer aos seus, apareceu, se fez ver (Mt 24.30; Mc 16.9; Lc 24.36). A esses diferentes encontros do Cristo Ressuscitado com seus discípulos deu-se o nome de aparições.

Esses textos explicitam que a iniciativa na comunicação da boa nova da ressurreição de Jesus Cristo é dele. Ressuscitado, Jesus Cristo se apresenta àqueles que tinham compartilhado de sua vida terrena. “Deus o ressuscitou ao terceiro dia e lhe concedeu manifestar a sua presença, não ao povo em geral, mas a testemunhas designadas de antemão por Deus, a nós que comemos com ele e bebemos com ele após a sua Ressurreição dentre os mortos” (At 10.40).

Há contradições de tempo e espaço nas narrativas das aparições nos sinóticos. Marcos não narra nenhuma aparição, ele afirma que Jesus se deixou ver na Galileia (Mc 16.7); Mateus também relata a aparição de Jesus na Galileia (Mt 28.16-20); Lucas não faz menção a nenhuma aparição na Galileia. Em Lucas (24.13-33), a aparição de Jesus ocorre no caminho de Emaús e em Jerusalém (24.13-33; 36-49). João se refere a três aparições em Jerusalém (20.14,19,26) e narra uma aparição na Galileia (Jo 21.7).

Grande é a variedade dos relatos de aparições e se apresentam em duas correntes principais. Os relatos de aparições de mandato ou missão: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações [...]” (Mt 28.18b-19a; Mt 28.16-20; Lc 24.36-49; Jo 20.19-23). E as aparições de reconhecimento, *anagnorisis*: Jesus manifesta-se inicialmente de forma desconhecida, e é reconhecido no processo de narração. Por exemplo, o episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24.13-31); a aparição a Maria Madalena (Jo 20.11-18) e aos discípulos junto ao lago Tiberíades (Jo 21.1-14).

Para Queiruga, essas narrativas respondem a experiências extraordinárias e são carregadas de realismo. Isso torna acessível o anúncio inicial da experiência do ressuscitado e perpetua sua permanência no imaginário religioso.

b) Os relatos do sepulcro vazio

Os relatos do sepulcro vazio são afirmados em todos os evangelhos, com fortes variações segundo os sinóticos. Exegeticamente não é possível decidir a questão da verificabilidade. Há razões tanto para a sua afirmação como para sua negação. O Res-

suscitado é invisível e intangível, tanto para quem afirma que o sepulcro ficou vazio como para quem nega.

Na expressão do apóstolo Paulo: “[...] semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado na humilhação, ressuscita na glória; semeado na fraqueza total, ressuscita no maior dinamismo: semeia-se um corpo só com a vida natural, ressuscita um corpo espiritual” [...] (1Co 15.42-44). A ressurreição de Jesus Cristo significa uma mudança radical na existência, no modo de ser: um modo transcendente que supõe a comunhão plena com Deus e, ao mesmo tempo, foge às leis que regem as relações e as experiências do mundo empírico. “A exegese atual já flexibilizou o terreno, ao insistir no dado que, no conceito de ‘corpo’, o definitivo não é a materialidade, senão a sua realidade como *expressão* da pessoa e fundamento de sua capacidade de *relação*.”¹⁴

Para Queiruga, a afirmação das aparições e do sepulcro vazio tem a intenção de salvaguardar a *identidade do Ressuscitado*. Embora essa seja uma das mais árduas questões da antropologia, o fundamental é que a identidade se constrói no corpo, mas não se identifica com ele.

Não contar com o sepulcro vazio não implica negar a realidade da ressurreição, porque essa não depende da desaparecimento do corpo físico, pois a vida nova e a identidade glorificada do Jesus ressuscitado transcendem radicalmente todo o espaciotemporal, que antes a tornaria impossível. Segundo foi dito no capítulo anterior, nem a aniquilação do cadáver nem sua transformação em algo não material oferecem possibilidades de um sentido aceitável.¹⁵

Os relatos de aparições e sepulcro vazio não expressam ações unicamente que dizem respeito a Deus e que afeta, secundariamente, o contexto da vida dos primeiros cristãos. Esses relatos são consequência da ação de Deus no Ressuscitado e refletem a descoberta que a primeira comunidade estava fazendo. Dessa experiência fundante da comunidade emerge o espírito missionário de testemunho e partilha do vivido, pois a causa de Jesus não poderia morrer. De uma situação de injustiça, de assassinato e de desconcerto, a comunidade descobre, lentamente, a presença salvadora e ressuscitadora de Deus.

A questão de esses relatos terem acontecido a partir do terceiro dia é mais simbólico e pode refletir um tempo que a comunidade levou para assimilar a nova descoberta do que tempo cronológico. “De modo que a ressurreição acontece na própria cruz, onde Cristo ‘consoma’ a sua vida e a sua obra (Jo 19.30), sendo ‘elevado’ sobre a terra como sinal de sua exaltação na Glória de Deus (recordemos o tema joanino de *hýpsosis*).”¹⁶

Qual compreensão da revelação de Deus permite Andrés Torres Queiruga reler o tema da ressurreição?

¹⁴ QUEIRUGA, 2004, p. 182.

¹⁵ QUEIRUGA, 2004, p. 178.

¹⁶ QUEIRUGA, 2004, p. 177.

A ressurreição de Jesus Cristo no horizonte da maiêutica histórica

É fundamental para a fé cristã descobrir que o Ressuscitado se apresenta aos seus com as marcas de sua paixão, demarcando que é o mesmo e que a ação salvadora de Deus esteve presente. Sim, “o Crucificado é o Ressuscitado”¹⁷. É o mesmo que anunciou o Amor do Pai aos pequenos e excluídos com suas obras e palavras e, por fidelidade a Deus e à humanidade, entregou a sua vida.

Trata-se de uma experiência nova, que está intimamente relacionada com a vivência que os discípulos tinham com Jesus Cristo antes de sua Paixão. Nesse sentido, com o auxílio trazido pelo episódio da samaritana e seus conterrâneos, visualiza-se o processo de uma nova compreensão da revelação de Deus, entendida por Queiruga como maiêutica histórica: “Não cremos mais por tuas palavras, agora, nós mesmos ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4.42). Isso quer dizer que Deus não está fora e distante da criação, mas nela e, de modo particular, na subjetividade humana. Nada mais lógico do que pensar que sua revelação não se dá *desde fora*, e sim, *desde dentro*.¹⁸

Queiruga retoma a expressão *maiêutica* de Sócrates e acrescenta ao termo a concepção de história, inovando a categoria. Enquanto em Sócrates a maiêutica é estática, não cria nada de novo, ou seja, somente faz vir à luz as verdades inerentes, na maiêutica histórica o processo é dinâmico. É a possibilidade do fiel, do profeta e/ou da comunidade dar à luz a presença de Deus ao longo de sua história. “A função da palavra enquanto maiêutica consiste justamente em fazer a pessoa ‘se aperceber’ do sentido que estava *já aí*, lutando por se fazer sentir através da ambiguidade da história.”¹⁹ Com a categoria maiêutica histórica, a revelação de Deus ganha nova dinâmica, pois exalta seu amor, “sempre aí” e sempre atuante na história, e a liberdade do ser humano em captar esse mistério amoroso.

Um Deus cujo amor é urgente, que busca por todos os meios fazer-se sentir o mais rápido e intensamente possível pelo maior número de homens; que desejaria dar tudo numa labuta amorosa para romper a incompreensão do homem e abrir-lhe os olhos ao dom desde sempre disposto para ele.²⁰

Revelação, entendida como maiêutica histórica, expressa a presença sempre contínua e manifestante de Deus na história. Isso significa que a revelação não é algo simplesmente passado. Ela é sempre atual, porque Deus continua agindo e se ma-

¹⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 37.

¹⁸ Queiruga esclarece que Deus está sempre dentro, sustentando, promovendo e iluminando a própria subjetividade humana. A revelação consiste em “aperceber-se” do Deus que, como origem fundante, está “já dentro”, habitando o nosso ser e procurando manifestar-se a nós: *Noli foras ire: in interiore homine habitat veritas*. Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. *Fim do cristianismo pré-moderno*: desafios para um novo horizonte. São Paulo: Paulus, 2003a. p. 30.

¹⁹ QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a revelação*: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 448.

²⁰ QUEIRUGA, 2010, p. 298.

nifestando na história. É algo que transforma e promove a realização humana. “Ela possibilita ‘vir à luz’ a autocomunicação de Deus aos homens, por meio do encontro de liberdades, divina e humana. Faz com que o homem se compreenda como ‘desde-Deus-no-mundo’, favorecendo seu crescimento e sua realização.”²¹ Ao captar a presença de Deus como amor, o ser humano será interpelado a configurar o novo existir de forma qualitativamente diferenciada. Por sua liberdade, Deus efetiva sua presença na história, ao mesmo tempo em que sustenta e realiza a liberdade humana. Para Queiruga, “a ação de Deus como Criador é fazer com que as criaturas façam”, pois são a ação de Deus e, em seu agir, expressam sua liberdade.²² Ao agir na singular morte de Jesus, cria uma situação nova, pois Jesus não era um “ressuscitado qualquer”. Seu gesto extremo de entrega de sua vida na cruz levou ao máximo a presença salvadora de Deus na história da humanidade. Deus, ao ressuscitá-lo, explicita seu amor salvífico. Essa foi a experiência e o testemunho dos apóstolos.

A partir de Jesus e no testemunho da primeira comunidade, a ressurreição começa a ser compreendida como atual e plena. “*Graças a ele*, na comunidade primitiva, aconteceu a revelação de que *para todos e desde sempre* morrer já é entrar, e com plenitude *peçoal*, na salvação definitiva como comunhão total com Deus.”²³ A estrutura fundante que permanece a partir dessa experiência é que o mesmo Deus que sempre ressuscitou os mortos e que, também ressuscitou Jesus Cristo, continua presente e atuante hoje. O mesmo que ocorreu com o ressuscitado, ocorre hoje com os que morrem. Como ele conseguiu que a comunidade primitiva sentisse sua presença, continua a fazer o mesmo empenho hoje. A comunidade primitiva gozava de uma prioridade irredutível em relação à comunidade atual, pois foi ela a primeira a fazer a descoberta reveladora, convertendo-se em mediadora para a comunidade cristã atual. Nela, foram reunidas as condições fáticas e históricas que permitiram a Deus e a Jesus revelar-lhes a ressurreição em sua plenitude. Há fé na ressurreição como contexto herdado, vivenciam a morte injusta do justo por antonomásia e descobrem a presença real de Jesus Cristo na vida e na história da comunidade. Essa nova experiência será compartilhada pelos interlocutores.

Quais pistas Queiruga apresenta para a comunidade cristã dar à luz a compreensão da ressurreição nos dias atuais?

A fé na ressurreição no horizonte da comunidade cristã atual

Para Queiruga, a humanidade caminha na história sob a força do ressuscitado e nele, a liberdade humana pode compartilhar do seu projeto existencial e empenhar-se na construção do seu Reino. Esse projeto é dom de Deus e consiste em viver a revelação como realização humana, tornando sempre atual sua ação salvífica. Daí brota

²¹ PANASIEWICZ, Roberlei. *Diálogo e revelação: rumo ao encontro inter-religioso*. Belo Horizonte: C/Arte/Fumec, 1999. p. 96.

²² QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 2003b. p. 127.

²³ QUEIRUGA, 2004, p. 212.

o imperativo ético que revela com profundidade o ser de Deus como essencialmente amor. O amor é força de transformação interna e atitude expressa de solidariedade. Em Jesus Cristo, o amor de Deus se humaniza, sua ação salvífica se torna efetiva na história e, no ressuscitado, todos são convidados a participar de sua comunhão plena.

Entender a novidade da experiência da ressurreição de Jesus Cristo é levar em conta que Deus está sempre presente, suscitando e alentando esse caminho de ressurreição. Ele não se manifesta através de intervencionismos físicos, “desde fora”, mas na capacidade significativa que adquirem certas situações históricas. Os evangelistas ilustram a ação divina, como essa nova capacidade significativa que os discípulos imprimem aos acontecimentos, com diversas expressões: “seus olhos se abriram” (Lc 24.31); “Jesus veio e pôs-se em meio deles” (Jo 20.19); “abriu-lhes a inteligência para que entendessem as Escrituras” (Lc 24.46). Queiruga descreve a experiência da ressurreição de Jesus Cristo vivida pelos discípulos e discípulas dizendo que,

na revelação pascal, tudo conflui: o contexto estava preparado, a situação era nova, impregnada e carregada de significados; os acontecimentos foram dramáticos [...] e a fâsca saltou. Os discípulos compreenderam que Cristo havia ressuscitado e também compreenderam que, se o estavam compreendendo, era porque só podia ser ele e Deus por seu intermédio, que ativamente estava se manifestando a eles e tentando dar-se a conhecer, por meio dos diferentes componentes objetivos e subjetivos, que constituíam aquela peculiaríssima situação²⁴.

Tudo estava preparado, “e a fâsca saltou”! Maieuticamente foi possível reler toda aquela história com novos olhos. A revelação já estava lá e, então, eles puderam descobri-la. Compreendem que o amor de Deus é mais forte que a morte e que Cristo Ressuscitado estava presente na história. A certeza da ressurreição de Jesus Cristo “permitiu o ‘salto gigantesco’ de já tornar historicamente presente e realizada em Jesus a esperança que a escatologia corrente de corte apocalíptico adiava até o final dos tempos”²⁵. Para Queiruga, o desvencilhar de questões cronológicas e escatológicas possibilita afirmar que a ressurreição de Jesus Cristo acontece no momento de sua morte. “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23.43). A espera dos “três dias” tem caráter simbólico e não cronológico. Para os que morrem e ressuscitam nele, a parúsia e o juízo final acontecem no momento de cada morte. Ser “primogênito entre os mortos” não é cronologia, mas antes excelência, pois se trata “de seu eterno enraizamento trinitário e na riqueza qualitativa de seu ser”²⁶.

Nessa experiência feita pela primeira comunidade, “vem à tona a descoberta de que o que aconteceu com ele, de maneira plena e exemplar, já estava acontecendo desde sempre com toda a humanidade”²⁷. Com a ressurreição de Jesus Cristo, há a descoberta que ressuscitar é um processo natural. Nas palavras de Roger Haight, “o

²⁴ QUEIRUGA, 2004, p. 153.

²⁵ QUEIRUGA, 2004, p. 142.

²⁶ QUEIRUGA, 2004, p. 193.

²⁷ QUEIRUGA, 2004, p. 187.

que fez em Jesus, Deus vem fazendo desde o início, porque salvar é algo inerente à própria natureza divina [...] o poder de vida de Deus, jamais é definitivamente derrotado pela morte”²⁸. E mais! Continua acontecendo. Existe uma íntima solidariedade entre a ressurreição de Jesus Cristo e a nossa. Para a fé cristã, o que ocorreu com Jesus Cristo passa a ser protótipo do que ocorre com o ser humano em plenitude. Falar da ressurreição de Jesus Cristo é explicitar a visão cristã da relação com os mortos e da vida após a morte.

Para a nossa fé, um defunto é alguém que morreu, que cumpriu a sua passagem pela terra (*defunctus*, que “cumpriu a sua função”), mas que acreditamos estar vivo em Deus. Não é isso exatamente o que confessamos sobre Jesus? Não foi Nele que aprendemos isso plena e definitivamente?²⁹

Há continuidade e descontinuidade na morte e na ressurreição. Jesus de Nazaré alcança sua plenitude humana. O mesmo acontece com os mortos, não perdem sua identidade, continuam sendo eles em seu mundo de relações que os definem, porém, de uma maneira plena, total, que transcende as barreiras do tempo e espaço. Sendo assim, é possível entender as palavras do evangelista Mateus: “Na ressurreição não haverá homens e mulheres casando-se, mas serão como anjos no céu” (Mt 22.30). Queiruga explica essa citação da seguinte forma:

Essas palavras não anunciam uma vida abstrata e despersonalizada, mas sim, apesar das aparências, exatamente o contrário: aludem à plenitude do novo modo de existência, com a superação das fronteiras materiais e a possibilidade de uma comunhão já totalmente compartilhável³⁰.

A ressurreição de Jesus Cristo ilumina a relação dos vivos com os mortos. Ao afirmar que é possível para o cristão viver uma relação real de fé com o Cristo Ressuscitado, com quem se pode falar e amar, o mesmo acontece na relação de bem-aventurança com nossos irmãos defuntos. Queiruga faz referência a uma recordação pessoal que muito ilustra esse sentido.

Quando ficou viúva, minha mãe costumava perguntar-me com espontânea simplicidade: “Andrés, ali encontrarei seu pai? Porque então já não me importa morrer.” Com base na fé sempre lhe respondi que sim. Ao contrário, como poderia haver salvação real e verdadeira? Justamente aí é que se enraíza, por exemplo, a diferença entre esperança cristã, apoiada na comunhão pessoal com Deus, e o nirvana budista, que consiste na dissolução da própria pessoa.³¹

²⁸ HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 180.

²⁹ QUEIRUGA, 2004, p. 241.

³⁰ QUEIRUGA, 2004, p. 247.

³¹ QUEIRUGA, 2004, p. 248.

A ressurreição de Jesus Cristo transmite a esperança e a certeza do encontro da pessoa com aquela que, em vida, amou de acordo com o caráter transcendente da vida bem-aventurada, expressa na comunhão dos santos. Essa comunhão expressa a proximidade e a universalidade da vida eterna. Em Deus, a história humana, entendida como passado-presente-futuro torna-se somente história presente. “Se Deus criou o ser humano, foi única e exclusivamente para isto: para transformá-lo com sua glória, para cumulá-lo com sua felicidade, para submergi-lo num mar sem fundo de seu gozo e de seu amor.”³² Viver a ressurreição de Jesus Cristo é um chamado a viver a esperança.

Não vemos Cristo, mas acreditamos que Ele está presente e atuante em nossa vida e procuramos tornar-nos envoltos em sua comunhão e acompanhados por sua graça. Por isso falamos com ele na oração e contamos com seu amor e apoio nos avatares da existência. Mantendo-se a devida proporção, o mesmo acontece com os nossos defuntos.³³

Emerge, na primeira comunidade, a convicção de que a ressurreição dos mortos significa que “todos os que morreram em Cristo já estão, agora, corporalmente com ele” (Fl 1.23). São Paulo acentuava o caráter pascal da vida cristã como participação real na vida de Cristo ressuscitado: “Sepultados com ele no batismo, com ele ainda ressuscitastes, visto que crestes na força de Deus que o ressuscitou dos mortos” (Cl 2.12). A vida nova em que então entramos não é outra coisa senão a sua vida de ressuscitado. E ainda, “desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e sobre ti o Cristo resplandecerá” (Ef 5.14). Essa certeza fundamental determina toda a existência cristã.

Considerações finais

A experiência que a primeira comunidade fez do Jesus ressuscitado possibilitou que afirmasse com toda a certeza: “Ele vive”. Entretanto, a maneira como transmitiu foi utilizando os gêneros literários de sua época. E conseguiu, de forma peculiar, sustentar sua experiência. Não é o túmulo vazio ou a aparição que determina a ressurreição de Jesus Cristo, mas a convicção e o testemunho da primeira comunidade. É nessa certeza de fé que o cristianismo se sustenta. Ele está vivo na plenitude de sua pessoa e continua presente na comunidade cristã, estimulando a fé e impulsionando a viver na história com criatividade e sentido.

A maiêutica histórica, que possibilitou aos primeiros cristãos darem à luz a compreensão da ressurreição, possibilita que a comunidade cristã de hoje continue a vivenciar e, hermeneuticamente, processar a ressurreição no horizonte da cultura atual. A esperança da ressurreição não significou nem significa fuga para o além, mas

³² QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da salvação. São Paulo: Paulus, 1999. p. 16.

³³ QUEIRUGA, 2004, p. 248.

cultivo autêntico da vida, solidariedade com os mais fracos e trabalho no sentido de concretizar o Reino de Deus, projeto iniciado com Jesus Cristo e inerente à fé cristã.

Para Queiruga, o novo da ressurreição de Jesus Cristo é compreender que o ocorrido com Jesus Cristo, de maneira plena, estava acontecendo desde sempre com toda a humanidade e continua com todos os defuntos. A primeira comunidade faz a descoberta de que “Jesus ressuscitou”. Isso significa que Jesus está vivo e sua realidade humana está envolvida pela força recriadora do Espírito de Deus.

A plenitude revelada por Jesus de Nazaré não constitui um exclusivismo de salvação da religião cristã. Para isso, será importante aprofundar o diálogo inter-religioso e encontrar com outras formas de acolhida da salvação. Não se trata de relativizar a salvação nem subestimar a mediação específica de Jesus Cristo. O diálogo com as outras religiões é sempre possibilidade de o cristianismo aprimorar o que foi revelado em Jesus Cristo à luz de outras percepções do mistério transcendente e compartilhar sua experiência *sui generis*.

Nessa perspectiva, a salvação cristã passa a ser compreendida como proposta de Deus a todos os povos. A experiência da finitude humana é envolvida pelo amor divino. Na ressurreição de Jesus Cristo, o medo humano do desconhecido dá lugar à certeza do encontro amoroso com Deus e à realização da plena humanização.

Referências bibliográficas

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BÍBLIA. Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1987.
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. *Recuperar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003a.
- _____. *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 2003b.
- _____. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da salvação*. São Paulo: Paulus, 1999.
- KESSLER, Hans. *La resurrección de Jesús: aspecto bíblico, teológico y sistemático*. Salamanca: Sígueme, 1989.
- PANASIEWICZ, Roberlei. *Diálogo e revelação: rumo ao encontro inter-religioso*. Belo Horizonte: C/Arte/Fumec, 1999.
- SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.